

A câmara de gás e o caso Genivaldo: poder e resistência na charge brasileira.

The gas chamber and the Genivaldo: power and endurance in the
Brazilian cartoon.

DOI 10.20396/lil.v26i1.8671395

Edjane Gomes de Assis
UFPB¹

Resumo

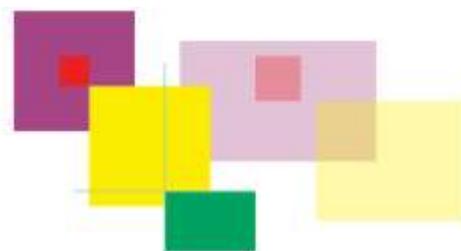
O artigo analisa a charge “Câmara de gás”, publicada por Nando Motta no portal, www.brasil247.com. O texto aborda o assassinato de Genivaldo de Jesus dos Santos ocorrido em 25 de maio de 2022. Parado pela PRF de Sergipe por estar conduzindo uma moto sem capacete, o rapaz foi trancafiado numa viatura improvisada como câmara de gás. Tal ação causou indignação por cultivar similitudes com as câmaras de gás nazistas. Com base na Análise do Discurso, na esteira de teóricos como Pêcheux (1997), Foucault (2000; 2004; 2009), Courtine (2020) observamos como os elementos simbólicos materializam efeitos de poder típicos de uma sociedade de controle. Nossa análise mostrou que a morte de um homem preto e pobre, rememora os mais de 300 anos de escravidão no Brasil, bem como o projeto eugenista nazista. Contudo, a charge neste processo de discursivização funciona como um modo de resistência em práticas sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Discurso, Genivaldo, Câmara de Gás.

Abstract

The article analyzes the cartoon, "Câmara de gás", published by Nando Motta, on the portal, www.brasil247.com. The text addresses the murder of Genivaldo de Jesus dos Santos on May 25, 2022. Paraded by the PRF Sergipe, for driving a motorcycle without helmet, the boy was locked in a makeshift vehicle as a gas chamber. Such an action caused outrage by cultivating similitudes with the Nazi gas chambers. Based on discourse analysis, in the wake of theorists such as Pêcheux (1997), Foucault (2000; 2004; 2009), Courtine (2020) observed how symbolic elements materialize power effects typical of a control society. Our analysis showed that the death of a poor black man recalls the more than 300 years of slavery in Brazil, as well as the Nazi eugenics project. However, the cartoon, in this process of discursivization, functions as a mode of resistance in contemporary social practices.

¹ Atua no Departamento de Língua Portuguesa e Linguística (DLPL), da Universidade Federal da Paraíba – Campus I – João Pessoa/PB. Desenvolve pesquisas em Análise do Discurso com ênfase em gêneros midiáticos e práticas discursivas contemporâneas.



Keywords: Speech, Genivaldo, Gas Chambet.

Discussões preliminares

O 25 de maio de 2022 poderia ter sido um dia normal na pequena **Umbaúba** em Sergipe. Mas foi marcado por mais um caso de violência brutal proferida por policiais que sustentam o discurso de cumprimento da função. No Boletim de Ocorrência está registrado que a equipe de policiais rodoviários

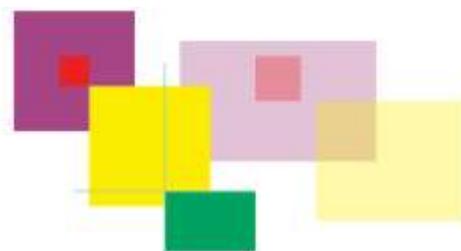
visualizou uma motocicleta de placa OUP0J89/SE sendo conduzida por um indivíduo sem capacete de segurança, motivo pelo qual procedeu à sua abordagem. Foi dado o comando para que o condutor desembarcasse da moto e levantasse a camisa, como medida de segurança, no entanto a ordem foi desobedecida, levantando o nível de suspeita. (BITTENCOURT, 2022).²

Dentro de uma viatura da Polícia Rodoviária Federal agonizava Genivaldo de Jesus dos Santos: um rapaz de 38 anos que há 20 anos sofria de esquizofrenia. Parado em sua moto por não utilizar capacete, Genivaldo foi trancafiado no interior da viatura e obrigado a respirar gás lacrimogêneo jogado pelos policiais numa tentativa de contê-lo. Mas um aspecto também assustador é o fato de a cena dantesca ter sido testemunhada e documentada pelas lentes de celulares dos transeuntes que assistiam, sem reação, às cenas aterrorizantes que marcaram este dia e entrou para o museu dos horrores da história do Brasil.

Como um panoptismo do século XXI, era da tecnologia do poder, os celulares compreendem artefatos culturais que documentam o instante imediato. Nos dias atuais, nossas ações são verificadas, vigiadas, registradas, ou seja, passam por regimes de disciplinarização. Vivemos numa sociedade de controle que age através da vigilância e punição.

Num país como o Brasil, forjado nos regimes de escravidão (vitimando primeiramente os indígenas e depois os negros), a morte de Genivaldo de Jesus compreende a materialização de um devir da memória e da história que se repetem cotidianamente. Nossa

² Disponível em <https://revistaforum.com.br/politica/2022/5/27/genivaldo-morto-na-cmara-de-gas-foi-parado-porque-estava-sem-capacete-diz-bo-117976.html>



história é marcada pela dor, pela violência que pune os pretos, os considerados “anormais” segundo o viés do dominador.

Em “A vida dos homes infames”, um texto publicado em 1977, Foucault faz uma espécie de exumação dos arquivos sobre o internamento de pacientes do Hospital Geral e da Bastilha no início do século XVIII. O teórico se mostra perplexo diante dos motivos pelos quais aqueles sujeitos foram condenados ao longo do tempo:

Eu ficaria embaraçado em dizer o que exatamente senti quando li esses fragmentos e muitos outros que lhes eram semelhantes. Sem dúvida, uma dessas impressões das quais se diz que são “físicas”, como se pudesse haver outras. E confesso que essas “notícias” surgindo de repente através de dois séculos de silêncio, abalaram mais fibras em mim do que o que comumente chamamos literatura, sem que possa dizer, ainda hoje, se me emocionei mais com a beleza desse estilo clássico, drapeado em algumas frases em torno de personagens sem dúvida miseráveis, ou com os excessos, a mistura de obstinação sombria e de perfídia dessas vidas das quais se sentem, sob as palavras lisas como a pedra, a derrota e o afinco. (FOUCAULT, 2003, p.204).

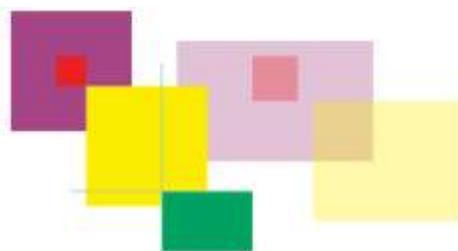
Para Foucault por trás daqueles silenciados e esquecidos há “histórias-testemunhos”. São homens e mulheres que tinham nomes e desempenhavam funções na sociedade.

Por trás dessas palavras rápidas e que bem podem ser, na maioria das vezes, falsas, mentirosas, injustas, exageradas, houve homens que viveram e estão mortos; sofrimentos, malvadezas, ciúmes, vociferações. (FOUCAULT, 1992, p.128).

Estabelecendo uma relação de similitude com a morte de Genivaldo de Jesus, um jovem preto e pobre, podemos afirmar que este sujeito, em certa medida, também simboliza o “infame” estudado por Foucault. Mas o fato nos remete aos episódios de genocídio na Segunda Guerra Mundial (ocorrida entre 1939 – 1945). A câmera de gás voltou, mas diríamos mediante este processo de discursivização, que ela nunca deixou de existir.

Após a repercussão deste acontecimento circulou um vídeo³ em que um instrutor, em tom jocoso, ensinava em um curso de formação para militares, tais táticas que foram rigorosamente seguidas por aqueles policiais da PRF. A aula gerou um questionamento: Será que esta técnica de “contenção” já configura uma prática corriqueira nos bastidores das

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F44Rn73t8HI>. Acesso em 17/07/2022.



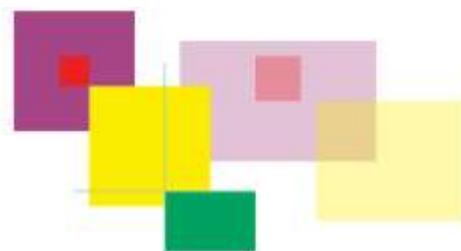
instituições disciplinares que atuam através da força? Temos neste acontecimento a ressignificação de um passado violento que nunca acabou, mas atravessou a história tanto nacional como mundial. A violência contra Genivaldo rememora os séculos de escravidão no Brasil. Segundo dados do *Monitor da violência*, numa parceria com o G1, com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os negros representam 81,5% das vítimas de violência policial.⁴ A violência aparece mediante diferentes formas simbólicas não menos nocivas do que a tortura literal. Há um racismo estrutural constituído nas entranhas da sociedade.

Poderíamos assim, nos questionar: Será que os casos de violência, de fato, aumentaram, ou apenas são mais registrados, divulgados por sujeitos comuns? Certamente não existem respostas prontas, mas devem ser problematizadas. Numa sociedade de controle nossas ações são vigiadas, controladas e punidas. Contudo, entendemos que o poder circula, ao passo em que os movimentos de resistência também aparecem por diferentes e múltiplas formas. Assim, os registros nos celulares feitos pelas testemunhas do assassinato de Genivaldo também funcionaram como elementos simbólicos de resistência. As imagens foram utilizadas como provas do abuso de autoridade e serviram de base para que os policiais fossem afastados e a ação investigada. Embora na atualidade, o inquérito esteja sob sigilo. Um silenciamento que produz sons significativos nesta atual conjuntura política do país. Tendo em vista que na perspectiva discursiva entende-se que o silêncio não é uma ausência de sentido, mas é preenchido de sentido. Em “As formas do silêncio: no movimento dos sentidos”, a pesquisadora Eni Orlandi (1995) traz uma profunda discussão sobre o silêncio quando observa que o não dizer releva movimentos de subjetivação.

Sempre houve inúmeras e diferentes formas de resistência mesmo nos momentos mais violentos da história. O texto bíblico de Isaías 53:1 evidencia o silêncio como forma de resistência de Jesus Cristo diante da dor no momento de sua crucificação. “Ele foi oprimido e afligido, mas *não abriu a sua boca*; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim *ele não abriu a sua boca*”.⁵ (grifos nossos). No regime escravocrata os negros também resistiam quando silenciavam diante do açoite.

4 Disponível em <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2022/05/04/11-estados-nao-divulgam-dados-completos-de-raca-de-mortos-pela-policia-numeros-disponiveis-mostram-que-mais-de-80percent-das-vitimas-sao-negras.ghtml>. Acesso em 16/07/2022

5 Disponível em: <https://www.bibliadocristao.com/isaias/53/7> Acesso em 10/07/2022



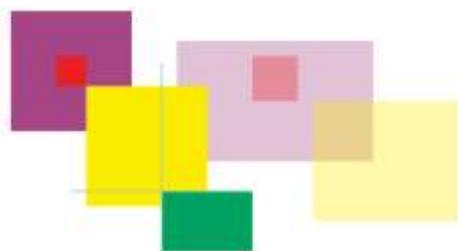
Resistiam através do canto, da dança ou da luta armada. Resistiam quando fugiram em direção aos quilombos. Mulheres, ao longo do tempo, resistiram quando não se submeteram ao poder patriarcal; resistiam escrevendo, produzindo arte. Assim a história se constrói através da repressão e resistência. Trabalhadores resistem quando fazem greve – um direito conquistado que caracteriza uma sociedade democrática. Dentro desta perspectiva podemos observar que há também um instrumento de resistência que circula no universo midiático que é o gênero charge. Uma materialidade discursiva que funciona através da ironia emoldurada neste processo de ressignificação.

Mediante estas discussões preliminares pautadas na Análise do discurso, na esteira de Pêcheux (1997), Foucault (2000; 2004; 2009), Courtine (2020,) e outros teóricos que se debruçam sobre as questões do discurso, nosso artigo objetiva analisar o processo de interdiscursividade de uma charge de Nando Motta, publicada no portal www.brasil247.com, acerca do assassinato de Genivaldo de Jesus dos Santos em uma câmara de gás improvisada pela Polícia Rodoviária Federal de Sergipe. Para tanto, nosso percurso metodológico está sistematizado da seguinte forma: No primeiro tópico tecemos as primeiras considerações. Mais adiante, no tópico, *Discurso, arquivo e mecanismos disciplinares*, tratamos de algumas categorias pertinentes ao tema em discussão. E no terceiro tópico, *A charge e formas de resistência*, analisamos o processo de ressignificação da charge do Nando Motta que ativam nossa memória discursiva sobre momentos marcantes da história.

Discurso, Arquivo e Mecanismos disciplinares

A década de 1960 compreendeu uma época de profundas rupturas com o estruturalismo ortodoxo dos estudos linguísticos. A necessidade de analisar elementos para além do texto dominava as agendas das chamadas teorias hifenizadas, inaugurando assim, a virada pragmática sobre a investigação dos fenômenos linguísticos. Neste aspecto, aparece na França o teórico Michel Pêcheux ao evidenciar a necessidade de ampliar a análise do texto para o discurso e suas condições de produção. Conforme o teórico: “É impossível analisar um discurso como um texto (...) é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção”. (PÊCHEUX, 1997, p. 63).

Necessário se faz empreender na análise elementos sociais, históricos e ideológicos que se entrelaçam no texto. Surge, portanto, em 1969 a Análise do Discurso: um dispositivo



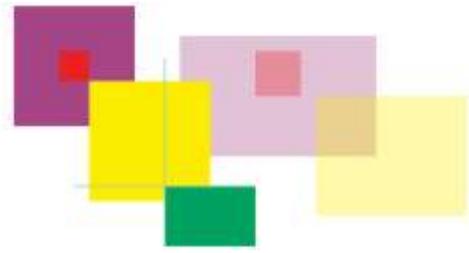
de interpretação de texto que dialoga com outras áreas do conhecimento. Além da Linguística são fundamentais contribuições da História e da Psicanálise – a chamada tríplice aliança representada respectivamente nas figuras de Saussure relido por Pêcheux, Marx relido por Althusser e Freud relido por Lacan. Os intelectuais franceses, cada um por seu turno, entendiam que deveriam participar das discussões políticas e sociais dominantes naquela atual conjuntura.

Ao lado de Michel Pêcheux temos outro teórico de semelhante relevância. Falamos do filósofo francês Michel Foucault. Embora não se posicione como partícipe da AD francesa, Foucault traz uma substancial contribuição em problematizar o poder entendido como uma relação de força – o que o distancia das ideias marxistas. Sua preocupação incide sobre o sujeito e as forças disciplinares que o atravessam. Não há poder sem discurso, pois o discurso funciona como um espaço de materialização do poder. Segundo Foucault o discurso, “Não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, e poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2000, p. 10).

Nesta virada pragmática dos estudos linguísticos a necessidade de analisar elementos extralinguísticos se impõe. Assim, imagem, sons, gestos, ou até mesmo o silêncio, configuram discursos porque a língua em si, vista como um produto fechado e acabado não atende mais a infinidade de sentidos que habitam na dispersão do dizer. Eis um breve exemplo de tal complexidade: O gesto de um punho fechado e erguido, bem como um braço esticado em posição horizontal, promovem efeitos de sentido porque são discursos que estão demarcados na história. A primeira imagem retoma o discurso da resistência – um movimento corporal repetido pelos negros durante lutas por direitos civis, como também, um gesto presente em protestos das minorias. Já na segunda imagem (braço em posição horizontal) se estabelece uma proximidade com o nazismo, um movimento iconográfico utilizado como marca identitária de Hitler e seus seguidores.

No artigo, “Uma outra cidade? A resistência possível e o efeito de resistência: uma proposta”⁶, publicado por Rogério Modesto (2016), temos uma interessante análise sobre a resistência que ele chama de *resistência possível* e de *efeito de resistência* compreendidos no movimento intitulado “A cidade que queremos” ocorrido em Salvador (BA). Com base nas

6 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n1p1083/31474>. Acesso em 06/04/2023.



contribuições de Pêcheux, Modesto problematiza como os dispositivos de poder atuam como procedimentos de segregação e interferem diretamente no processo de urbanização.

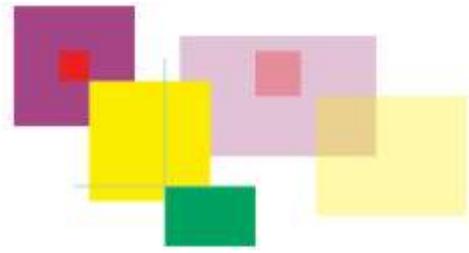
Observamos que os estudos discursivos propõem um questionamento acerca de modelos dogmatizados preestabelecidos que consideram os sentidos circunscritos à estrutura linguística. Isto, de certo modo, tangencia outros aspectos extralinguísticos e a evidência do sujeito da comunicação. Conforme Foucault: “A análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação.” (FOUCAULT 2000, p.70). A preocupação não reside no desvendamento da verdade ou na necessidade em interferir na ordem dos acontecimentos, mas instigar o questionamento, problematizar os discursos cristalizados que funcionam como lugares de verdade.

Ao longo de seus estudos, Foucault propôs uma análise sobre o poder enquanto uma relação de forças. O poder se constitui na sociedade por meio de elementos simbólicos, mecanismos disciplinares regulamentados pelas instituições. Contrariamente aos postulados marxistas que direcionam o poder às ações do Estado e aspectos econômicos, Foucault aponta para as micro lutas: o poder circula e é retroalimentado pelas forças reguladoras e nem sempre é visto como uma voz que diz “não”, já que o poder induz ao prazer e é necessário que ele exista para a garantia de uma ordem necessária para o funcionamento da sociedade. Daí vem seu caráter transformador.

Em *Vigiar e punir* (2009) Foucault faz uma detalhada descrição sobre os modos de punição do século XVIII através do suplício, em que tais técnicas seguiam a ordem das leis: a morte passa por um ritual público que testemunhava a degeneração dos corpos/dos condenados. Do século XVIII para o século XIX os rituais de punição se deslocam do ambiente público para o privado:

No final do século XVIII e começo do XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancolia festa de punição vai-se extinguindo. (...) O cerimonial da pena vai sendo obliterado e passa a ser apenas um novo ato de procedimento ou de administração. (FOUCAULT, 2009, p.13).

A partir desta compreensão de Foucault evidencia-se que embora os cerimoniais de tortura tenham “desaparecido” da vida pública, não significa dizer que os mecanismos disciplinares cessaram. Vemos, pois, que os dispositivos de punição passam por uma transformação ao longo dos séculos quando “o direito da soberania é, portanto, o de fazer



morrer e deixar viver. E depois, este novo direito é que se instala: o direito de fazer viver e de deixar morrer.” (FOUCAULT, 2005, p.287).

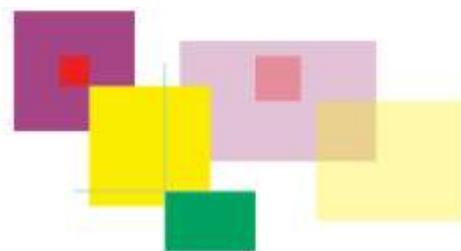
A sensação de ser controlado também compreende uma técnica de punição. Há uma eterna vigilância sob os sujeitos: a espetacularização dos longos julgamentos, os processos que se arrastam ao longo dos anos, a espera torturante para o dia do julgamento, a repercussão dos casos nas redes sociais (promovidas pelos senhores da lei), os tribunais virtuais são alguns dos suplícios da chamada pós-modernidade. Hoje, qualquer indivíduo, em qualquer lugar que se encontre, pode acessar através de seus smartphones as sessões do Supremo Tribunal Federal em tempo real. As arenas romanas recebem uma nova roupagem de forma massificada que rompem as fronteiras locais. Numa sociedade conectada, o alcance das punições também é redimensionado.

O episódio ocorrido com Genivaldo de Jesus dos Santos envolve o ambiente (espaço) público e privado. A morte acontece no interior de uma viatura (lugar fechado), mas ganha visibilidade quando é documentada, registrada pelas testemunhas que filmaram a cena. As imagens aparecem no cenário internacional, de modo que tal acontecimento rememora episódios perturbadores registrados na história. Temos um processo de discursivização que reacende o debate para os modos disciplinares institucionalizados que são implementados através da força, da violência.

O assassinato funcionou como um gatilho ao acionar e atualizar nossa memória acerca da câmara de gás utilizada por quem deveria proteger a vida. Mas funcionou como um ritual de suplício que atravessa o tempo. Neste processo genealógico, os símbolos estão arquivados, mas a qualquer momento ressurgem para nos dizer que eles apenas dormem. E o sono não é profundo. Para Foucault o *arquivo*:

É o que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, que não sejam simplesmente a sinalização, no nível das *performances* verbais (...) mas que tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo. (FOUCAULT, 2004, p. 146). (grifo do autor).

No acontecimento aqui em análise se estabelece um jogo de relações materializado no campo discursivo. Por isso, a repercussão do fato não apenas informa, mas forma sujeitos ao atualizar uma memória em reconduzi-los para o passado da escravidão, bem como os



campos de concentração gerenciados pelos nazistas. Temos um sujeito que é vítima dos regimes disciplinares de uma sociedade que vigia e pune. Genivaldo ressurgiu pelas redes de memória como um corpo que traz as marcas de um passado de exclusões e silêncios. Há uma personificação de uma cultura racista que se mantém enraizada no Brasil.

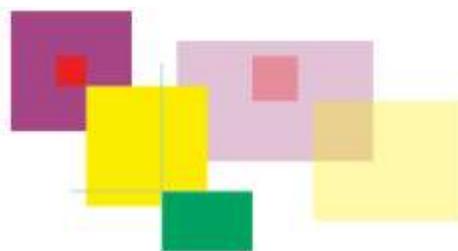
Este modo de discursivização dialoga com procedimentos peculiares de uma cultura higienista e eugenista: o negro precisa ser eliminado da sociedade. Um *modus operandi* equiparado aos procedimentos disciplinares impostos aos infames estudados por Foucault que, considerados como loucos, deveriam desaparecer da sociedade.

A morte de Genivaldo vem acompanhada de uma escalada de episódios violentos que marcaram o primeiro semestre de 2022 e ainda estão em continuidade. Entre tantos casos, podemos citar alguns: o assassinato do Moïse Kabagambe imigrante congolês, em 24 de janeiro de 2022 que foi espancado até a morte por civis; os 27 assassinatos em uma chacina na Vila Cruzeiro/RJ também com atuação da Polícia Rodoviária Federal. São alguns episódios que aparecem rotineiramente nos noticiários nacionais e mostram que o Brasil é um país violento.

Mesmo separados pelo tempo e espaço os episódios possuem um aspecto semelhante: a maioria das vítimas compreendem afrodescendentes – sujeitos que constantemente estão sob intensa vigilância e punição - um reflexo da cultura racista/escravagista que domina nosso país há séculos. Busca-se, pois, desumanizar o sujeito, apagar sua identidade e retirá-lo de circulação. Neste regime denominado por especialistas como “necropolítica”, há um saudosismo do passado da senzala, do pelourinho, dos ferros que marcam, queimam e aprisionam. Há uma espécie de cultura da morte que é naturalizada e parece compor a paisagem dos centros urbanos. A problematização deste acontecimento está materializada na charge de Nando Motta, conforme veremos no tópico seguinte.

A charge e suas formas de resistência

A história da charge cultiva intrínseca relação com a história da sociedade. Vista como um gênero que reconta os fatos e discute os temas do cotidiano através do lúdico e, na maioria das vezes, do humor, a charge possui um poder de mostrar à sociedade aquilo que era não vê. Tal aspecto funciona como um movimento de resistência.



Do francês *chargé* (*carga*), como o próprio nome diz, a charge tem o objetivo de dar uma guinada, impulsionar, repercutir os temas da atualidade, e nem sempre com a função de fazer rir, mas mostrar a realidade através por outros ângulos. A charge funciona como uma espécie de “realidade aumentada”, uma tática que reflete e refrata a vida cotidiana. A charge sempre parte de algo já existente, ironiza os acontecimentos e nos leva a percorrer outros lugares de memória.

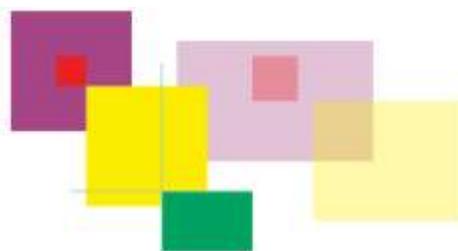
Ao longo do tempo, sobretudo nesta era tecnológica em que os modos de interação estão cada vez mais dinâmicos, os sujeitos (re)criam formas de se contrapor às pressões impostas pelas instâncias disciplinares. A utilização de imagens iconográficas tem o poder de registrar e mostrar as mazelas sociais mesmo que de forma caricaturada, por meio da ironia. Na charge a crítica funciona como uma espécie de “não dizer”, já que tal representação se manifesta através de desenhos numa intervenção artística. O que difere de uma fotografia que, a rigor, funciona como um lugar de verdade, mesmo que passe por um processo de edição.

São emblemáticos os casos em que a charge foi significativa na narrativa histórica e por isso sempre esteve sujeita às pressões e mecanismos de punição. Retomemos à época da ditadura no Brasil quando publicações como *O Pasquim*⁷, *Pif Paf*⁸ e outros periódicos, desapareceram juntamente com muitos jornalistas que trabalhavam nas redações. Seu poder de mobilização é capaz de abalar as estruturas sociais estabelecidas. E por esta razão, os chargistas constantemente são alvos de processos. Em alguns casos sofrem atentados. Lembremos do massacre à redação da revista de humor francesa, *Charlie Hebdo*, ocorrido em 7 de janeiro de 2015 em Paris. Após publicações que satirizavam religiões como o islamismo, os irmãos Saïd e Chérif Kouachi, invadiram a redação e assassinaram doze pessoas, deixando cinco feridas.

Quem ocupa uma posição pública como os sujeitos que atuam na mídia, estão susceptíveis a sofrer sanções do governo, principalmente em regimes autoritários e extremistas. Em 2020 o alvo foi o cartunista Renato Aroeira que após uma publicação da

7 O Pasquim compreendeu um periódico que circulou entre junho de 1969 e novembro de 1991 e foi considerado como um dos símbolos de resistência na ditadura militar no Brasil. Se caracterizou pela utilização de caricaturas que satirizaram o poder vigente.

8 A Pif Paf foi uma revista criada pelo jornalista Millôr Fernandes e circulou em 1964 durante apenas oito exemplares. O periódico tinha como predominância caricaturas que criticavam os militares.



charge “Crime Continuado” foi alvo de inquérito policial instaurado pelo então Ministro da Justiça, André Mendonça. A charge relaciona o presidente Jair Bolsonaro com símbolos que lembram o nazismo. No decorrer do processo uma juíza deu ganho de causa ao chargista alegando liberdade de expressão e que figuras públicas a rigor, sempre serão alvos de críticas da sociedade.

Tais episódios revelam que o discurso visto como um lugar em que se materializa a crítica social, compreende um terreno perigoso e com muitos obstáculos. Por isso, atua como um dispositivo de poder. É o que podemos ver na charge do cartunista e músico Nando Motta ao fazer uma releitura de uma das cenas mais angustiantes da conjuntura político-social vigente no Brasil: a morte de Genivaldo de Jesus.

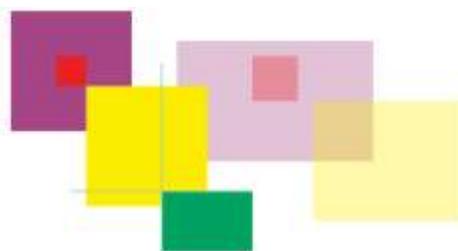
Vejamos primeiramente (figura1) a charge que dialoga com as cenas reais (figura 2) registradas pelas testemunhas do assassinato e publicadas em vários portais de notícia.



Figura 1: charge de Nando Motta. Fonte: <https://www.brasil247.com>



Figura 2: Momento da execução de Genivaldo de Jesus. Fonte: <https://revistaforum.com.br>



Com base no método genealógico de Foucault observamos que organizadas justapostas assim, as duas imagens promovem efeitos sentido e se entrecruzam na dimensão entre o que seria ficção e realidade. Embora nosso corpus neste artigo compreenda a charge de Nando Motta é necessário observar o processo de repetição da cena veiculada em periódicos de circulação nacional, como a Revista Fórum e publicações internacionais. A charge (figura 1) recupera no imaginário do leitor o acontecimento – assassinato de Genivaldo dos Santos – bem como nos transporta para o momento histórico da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente quando os caminhões serviam de câmaras de gás.

As câmaras são compartimentos pequenos em que é introduzido um gás (cianeto de hidrogênio, ou dióxido ou monóxido de carbono). Aparecem como instrumento de execução ainda no início da década de 1920, nos Estados Unidos, em estados que adotaram a pena de morte. Ao longo do tempo muitos países, mesmo aqueles que se autodenominam como democratas e cristãos, dedicaram boa parte de seus recursos em pesquisas voltadas para formas de execução através de gás letal.

Tal prática aparece posteriormente na Alemanha nazista, na década de 1940, quando as câmaras de gás foram utilizadas no Terceiro Reich. O projeto eugenista denominado de Aktion T4 tinha a função de eliminar os indivíduos considerados “anormais”: pessoas com alguma limitação física, com problemas mentais ou aqueles que não comungavam ideologicamente com os preceitos nazistas como: comunistas, homossexuais, ciganos, judeus, poloneses, dentre outros.

Tais sujeitos eram vistos como seres peçonhentos (semelhantes às baratas, ratos e outros animais) que deveriam ser eliminados de forma rápida e precisa. Os “anormais” (homens, mulheres e crianças) eram colocados em caminhões movidos à gasolina que liberavam monóxido de carbono do escapamento.

Registros fotográficos e filmagens da época documentam estas cenas que ficaram marcadas como um dos momentos mais aterrorizantes da história. As câmaras de gás ganharam uma maior dimensão também nos campos de concentração, bem como em qualquer espaço improvisado capaz de exterminar as pessoas por sufocamento. A imagem a seguir mostra um caminhão adaptado como câmara de gás.

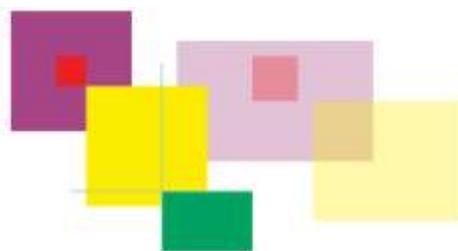


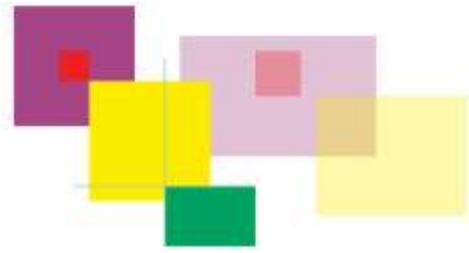
Figura 3: Caminhão utilizado no nazismo como câmara de gás Fonte:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Caminh%C3%A3o_de_g%C3%A1s

Direcionemos nosso percurso investigativo para outro momento e lugar histórico: a Ditadura militar no Brasil (a partir de 1964), período em que os dispositivos de punição são amplamente utilizados nos centros de tortura do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Dentre tantos métodos havia o pau de arara, o choque elétrico, a cadeira do dragão. A inalação de gás figurava uma das mais eficientes formas de tortura. Sobre este método citemos um dos episódios que ainda causam comoção no país e compõem o acervo dos horrores da ditadura: a morte do estudante de economia e ativista político, Stuart Angel Jones, filho da estilista Zuzu Angel. Após vários dias desaparecido o jovem foi trancafiado no portamalas de um Opala na Base Aérea do Galeão e obrigado a colocar a boca no escapamento do carro e assim, respirar o gás que de lá saía⁹. Esta forma de tortura lembra os rituais de suplício estudados por Foucault.

Retomando o processo sócio-histórico da charge do Nando Motta, observamos que o nazismo está também figurativizado no fardamento dos policiais da PRF de Sergipe que lembram os soldados nazistas.

Os elementos aparecem numa simbiose verbo-visual. Evidencia-se a marcação linguística com a interjeição *ah!!!*, representada graficamente como tentativa de reproduzir o grito de pânico e dor da vítima. Há linguagem verbal está também representada nas iniciais

⁹ O desaparecimento de Stuart Jones compreendeu um dos casos mais emblemáticas da Ditadura Militar no Brasil. Devido à censura imposta, cujos arquivos também são reunidos de forma duvidosa, as informações acerca da circunstância de sua morte ainda hoje são vistas através de uma opacidade e desconfiança. Destaca-se também a luta de sua mãe, Zuzu Angel, como tantas outras mães dos desaparecidos na ditadura. Em 1976, Zuzu falece em um controverso acidente de trânsito no Rio de Janeiro.



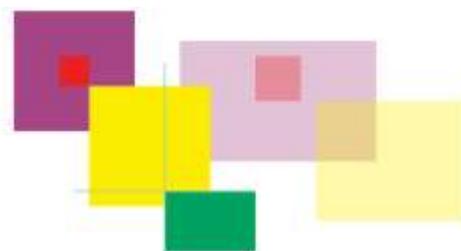
PRF (Polícia Rodoviária Federal) cravadas na mala da viatura. A fumaça cinza, que simboliza o gás, ocupa quase que a totalidade da cena. Vemos deste modo, o processo de discursivização, as micro lutas, os movimentos entre poder e resistência, entre vigilância e punição. São três corpos em confronto dentre os quais, dois dos corpos (os policiais), um em posição encurvada e outro em pé, exercem pressão contra a mala da viatura em que se encontra outro corpo (o da vítima), que embora apareça em desvantagem ainda resiste. Esta condição de produção dialoga com a reflexão de Foucault acerca do *poder policial* que

deve-se exercer “sobre tudo”: não é entretanto a totalidade do Estado nem do reino como corpo visível do monarca; é a massa dos acontecimentos, das ações, dos comportamentos, das opiniões – “tudo o que acontece” ; o objeto da polícia são essas ‘coisas de todo instante’, essas “coisas à-toa” de que falava Catarina II em sua Grande Instrução. (FOUCAULT, 2009, p.202).

Os agentes da PRF instituídos pelo poder policial são sujeitos que ocupam uma função social e respondem por um lugar de prestígio: posição de poder que segue regimentos disciplinares e funciona através da força. As duas imagens mostram apenas uma parte do corpo de Genivaldo de Jesus: as pernas que estão em desequilíbrio, desalinhadas (uma estirada e outra encolhida) revelam o momento de tensão vivenciado ali no interior daquela viatura; os pés descalços também demarcam a história: é mais um corpo preto que agoniza até os momentos finais de vida. Apenas suas pernas estão à mostra.

As demais partes do corpo desapareceram na fumaça, semelhante aos infames, os “loucos” que foram silenciados e deixaram de circular entre aqueles considerados pela instituição como normais, saudáveis, autorizados pela instituição. Genivaldo desaparece juntamente com a fumaça como tantos infames invisibilizados na sociedade. Sob a ótica mercantilista podemos entender que a fumaça representa a ideologia capitalista cultivada pela burguesia que em lugar de acolher, sufoca, exclui, interdita, segrega e mata os sujeitos.

Numa sociedade disciplinar a força policial, a partir deste acontecimento e outros episódios sangrentos ocorridos no país, sobretudo na atualidade, evidenciam que os órgãos de controle atuam de modo mais violento com os sujeitos pretos e pobres. Genivaldo foi parado pela PRF por estar conduzindo uma moto sem utilizar o capacete. Contudo, desde 2019 o atual presidente da República do Brasil, organiza o que ele chama de “motociatas” e desfila pelas principais rodovias federais do país sem utilizar capacete. Mas estamos falando de um sujeito branco, de olhos azuis e presidente do país, eleito pela chamada elite (seu



público majoritário). As instituições disciplinares deixam transparecer que nem sempre a lei funciona para todos.

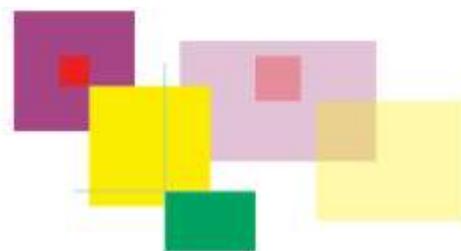
A perda da identidade numa tentativa de desumanizar os sujeitos compreende um dentre tantos efeitos violentos do poder registrados na história. No nazismo tem-se a estrela de Davi costurada no bolso dos judeus, o uniforme listrado e a cabeça raspada. No encarceramento os números e outros elementos simbólicos demarcam a nova identidade deste sujeito: ele agora é um prisioneiro. Mas o não-dizer, ou seja, a ocultação e silenciamento também produzem uma vontade verdade em não culpabilizar o algoz – aquele que cometeu o crime. Após dias do ocorrido com Genivaldo a PRF não revelou os nomes dos agentes. O que só aconteceu em um momento posterior pela imprensa brasileira. Na fotografia apresentada pela revista Fórum estão em evidência apenas dois agentes. Mas, conforme perícia feita nas imagens dos celulares foram identificados mais policiais. São eles: Kleber Nascimento Freitas, Paulo Rodolpho Lima Nascimento e William de Barros Noia¹⁰.

A morte de Genivaldo nos leva, ainda, para um outro corpo preto asfixiado: George Floyd. Um homem que foi morto na cidade de Minneapolis (EUA) após ser asfixiado com a técnica utilizada por um policial americano: imobilização através de joelho no pescoço do acusado. O fato ganhou repercussão mundial e reacendeu o velho debate sobre o racismo que nunca cessou. A frase “I can’t breathe” (Não posso respirar), repetida inúmeras vezes por Floyd, ganhou uma ressignificação gerando uma onda de manifestações realizadas em várias cidades dos Estados Unidos que resultaram no movimento antirracista como o “Black lives matter” (Vidas negras importam).

Em uma perspectiva discursiva George Floyd também está representado na charge de Nando Motta, pois:

Nenhum signo surge, nenhuma fala se enuncia, nenhuma palavra ou nenhuma proposição jamais visa a algum conteúdo senão pelo jogo de uma representação que se põe à distância de si, se desdobra e se reflete numa outra representação que lhe é equivalente. (FOUCAULT, 2002, p.108).

10 Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/06/06/caso-genivaldo-policiais-rodoviaros-federais-sao-ouvidos-pela-pf.ghtml>



A morte por asfixia é representada na opacidade do (re)dizer. A fumaça nos mostra que os sentidos não são transparentes. Há um contínuo exercício de ir e vir da memória capaz de mobilizar os sujeitos e nos tirar de um lugar de conforto para um espaço de confronto. A charge reconfigura toda uma memória histórica, um passado que sempre volta neste novo acontecimento, pois “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. (FOUCAULT, 2000, p.26). O fato ocorrido em uma pequena cidade de Sergipe ganha relevância e atravessa o tempo e as fronteiras do país. O acontecimento foi veiculado nas primeiras páginas dos principais periódicos internacionais¹¹.

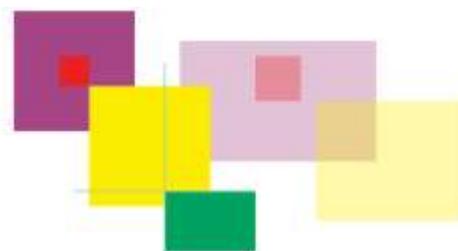
O músico, ator e ilustrador, Nando Motta mostra a necessidade de fazer lembrar, ou não deixar que a sociedade esqueça, os modos repressivos impostos por instâncias de poder que deveriam cuidar e proteger o indivíduo. Assim, o chargista fala a partir de um lugar e posição social e deixa nas marcas de seu redizer, movimentos de resistência diante de cenas violentas que, mais do que nunca, são documentadas e registradas em tempo real. O sujeito, em sua função- autoria, conta a história de seu tempo, traz para a sociedade as angústias de um passado sombrio cada vez mais presente. São estes procedimentos que compreendem o autor: “aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real.” (FOUCAULT, 2000, p. 28).

A segunda imagem, publicada pela Revista Fórum congela a cena. O momento parece estático, mas os sentidos continuam em movimento na reprodução das imagens que circularam nas redes sociais e foram registradas pelas testemunhas que documentaram o assassinato. Em alguns minutos (desde o momento da autuação ao assassinato) décadas de história se passaram diante dos sujeitos que ali se fizeram presentes. Como num filme de terror, de cena em cena, as imagens simbolizam as lutas da sociedade de controle, os mecanismos disciplinares que cerceiam os corpos dos sujeitos que decidem resistir à violência institucionalizada e normalizada.

11 ABC News. Disponível em: <https://abcnews.go.com/International/wireStory/outrage-video-brazil-cops-manhandling-black-died-85006683>

Washington Post. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/05/26/brazil-police-gas-killing-jesus-santos/>

Também o periódico El País, o jornal francês Le Parisien e outras publicações internacionais.



A violência extrema utilizada como meio de perpetuar o medo e instaurar uma eterna vigilância, conforme representada nestas imagens, evidenciam o caos da vida cotidiana. Há uma certa confusão dos tempos que nos transporta para outros lugares e outros espaços como uma espécie de *déjà vu*. Sobre a questão do medo na era da ansiedade, Courtine (2020, p. 424), pontua o seguinte:

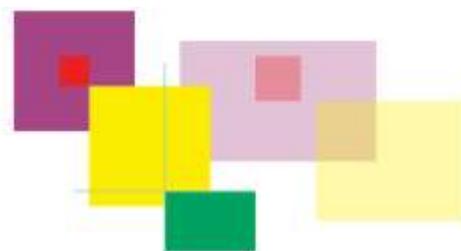
Nos regimes enunciativos mais comuns dos discursos em que se materializam os medos contemporâneos, o que reina é a confusão dos tempos, dos lugares, dos objetos, dos perigos imaginários e dos riscos reais. Esses discursos se baseiam, por outro lado, em um dispositivo discursivo singular. Sabemos perfeitamente a quem esse discurso se dirige, quem ele interpela – todos nós, individual e coletivamente.

Com base nesta reflexão a charge materializa nossos medos contemporâneos na história do tempo presente. Todos os elementos simbólicos registrados nesta cena discursiva funcionam como gatilhos que conduzem à reflexão sobre a realidade social. Isto significa dizer que, ter medo de alguém fardado no Brasil aos poucos parece querer dominar a prática cotidiana, sobretudo para os sujeitos pretos e periféricos: o medo da guerra, da tortura, a lembrança dos 300 anos de escravidão no Brasil, o uso da câmara de gás, estão registrados neste lugar de memória: a charge.

Em nossa sociedade de controle a sensação de vigilância predomina, independentemente da materialização de tais elementos. Contudo, como vimos, há sempre possibilidade de resistir. Genivaldo de Jesus, mesmo numa condição de impossibilidade, ainda resistiu. A existência de uma charge e a repercussão do assassinato, aos protestos da população local também compreendem movimentos de resistência.

Considerações finais

O discurso configura a materialização dos aspectos sociais, históricos e ideológicos. Há múltiplas formas de exercer poder e resistência, sobretudo no território do dizer. E a charge funciona como um lugar de crítica à realidade social. O assassinato de Genivaldo de Jesus dos Santos reúne vários lugares de memória que cultivam relações de similitude com a cultura escravocrata, com a ideologia eugenista incisivamente difundida no nazismo e em outros momentos históricos. A imagem dialoga com o fazer historiográfico estudado por Foucault. A história é contada segundo o ponto de vista daquele que sofre a dominação e não pelo viés do



dominador. Daí reside a necessidade de problematizar a história linear para a história das descontinuidades.

A charge funciona como procedimentos de resistência através dos elementos icônicos produtores de sentido: a câmara de gás, os soldados nazistas, o corpo preto descalço revelando a pobreza e o sofrimento. São dispositivos de controle em que se estabelecem os efeitos de poder capazes de sufocar o sujeito. A resistência reside na forma como o chargista denuncia a atrocidade. A problematização impulsionada na charge promove sentidos também ao nos fazer ver e entrever que há várias câmaras de gás utilizadas para asfixiar outros genivaldos que se encontram na dispersão social.

Os medos típicos desta era da ansiedade convidam os sujeitos a buscarem modos de resistência, mesmo através do silêncio, ou da palavra não dita porque são discursos e promovem efeitos de sentido. A imagem do assassinato de Genivaldo entra para os anais da história do Brasil. E a qualquer momento reaparece trazendo novas sentidos, novos movimentos de resistência. Os genivaldos seguirão resistindo. E os chargistas também.

Referências

BITTENCOURT, Julinho. **Genivaldo, morto na "câmara de gás", foi parado porque estava sem capacete**, diz BO. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/5/27/genivaldo-morto-na-cmara-de-gas-foi-parado-porque-estava-sem-capacete-diz-bo-117976.html> Acesso em 18/07/2022. Acesso em 20/07/2022.

COURTINE, J.J O medo na era da ansiedade. In: CORBIN, Alain. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (organizadores). **História das emoções**: 3. Do final do século XIX até hoje. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

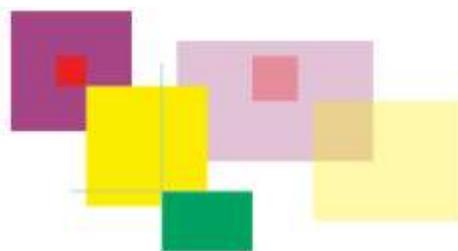
FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 6ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. 21 edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 36ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

JEANTET, Diane. Video of Brazil cops gassing man draws fury after his death. Disponível em: <https://abcnews.go.com/International/wireStory/outrage-video-brazil-cops-manhandling-black-died-85006683>. Acesso em 20/07/2022.



MODESTO, Rogério. **Uma outra cidade?** A resistência possível e o efeito de resistência: uma proposta. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n1p1083/31474>. Acesso em 06/04/2023.

MOTTA, Nando, **Câmara de gás**. Disponível em: <https://www.brasil247.com>. Acesso em 15/07/2022.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, S. R: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Organizadores.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani (et al). 3ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PESSOA, Gabriela Sá; BERGER, Miriam. **Police in Brazil gas man to death in trunk of car, video appears to show**. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2022/05/26/brazil-police-gas-killing-jesus-santos/>. Acesso em 18/07/2022.

VELASCO, Clara; JR. FEITOSA JR, Alessandro; GRANDIM, **Felipe**. **11 estados não divulgam dados completos de raça de mortos pela polícia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2022/05/04/11-estados-nao-divulgam-dados-completos-de-raca-de-mortos-pela-policia-numeros-disponiveis-mostram-que-mais-de-80percent-das-vitimas-sao-negras.ghtml>. Acesso em 20/07/2022

Sites consultados:

Bíblia Sagrada: Disponível em: <https://www.bibliadocristao.com/isaias/53/7> Acesso em 20/07/2022.

Caminhão utilizado como câmara de gás - Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caminh%C3%A3o_de_g%C3%A1s. Acesso em 15/07/2022

Nomes dos agentes da PRF: Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/06/06/caso-genivaldo-policiais-rodoviaros-federais-sao-ouvidos-pela-pf.ghtml>. Acesso em 11/07/2022.

Treinamento para agentes: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F44Rn73t8HI>. Acesso em: 17/07/2022.

Data de submissão: 03/11/2022

Data de aceite: 11/04/2023